

MARC BERKOWITZ

MONIKA MIRABEL

Muitos são os países cujas embaixadas no Brasil têm aédos culturais, mas poucos tiveram aédos tão ativos, que souberam conquistar a amizade e a confiança dos círculos culturais e artísticos, como Monika Mirabel da Polónia. Depois de cinco anos no Brasil, Monika Mirabel voltou à Polónia, deixando aqui uma legião de amigos, e levando a certeza que os laços de amizade, que ela ajudou a atar com mão tão firme, permanecerão e servirão de ponto de partida para aquêles que continuarão a sua obra, mas que dificilmente poderão substituí-la.

VANDA SVEVO

Quem nos meos artísticos não conhecia Vanda Svevo, a mulher de rosto bonito e sereno, de olhos intensamente azuis, que no meio da freqüente confusão das Bienais de São Paulo, no meio de diretores muitas vezes ineptos, no meio das intrigas nacionais e internacionais, sempre sabia acalmar os ânimos, dar a resposta certa, emitir uma opinião baseada em grande cultura, conhecimentos sólidos, e um extraordinário bom-gosto. Oficialmente Vanda Svevo dirigia os Arquivos Internacionais de Arte Moderna — mas na realidade era ela a alma da Bienal, o verdadeiro anjo bom de Cicillo Matarazzo. É difícil imaginar a Bienal sem Vanda Svevo, sem a sua boa influência, sem a sua capacidade administrativa. E é difícil para mim, que fui seu amigo, imaginar São Paulo sem aquelas reuniões em seu pequeno apartamento, simples e despretençioso como era Vanda, meio cheio de quadros e objetos bonitos. É difícil imaginar que nunca mais tocará o telefone, anunciando a sua vinda ao Rio, e que nunca mais discutiremos os muitos problemas da Bienal e das artes plásticas em geral. Em um instante trágico e brutal, quando o avião estava prestes a aterrisar em Lima, Vanda Svevo, que estava em missão da Bienal, foi arrancada do rol dos vivos. Os seus amigos jamais a esquecerão.

O "SALÃO" DO PARANÁ

O Salão do Paraná, que no ano passado assumiu um cunho nacional, voltou em 1962 a ser apenas mais um salão provinciano. A inépcia de seus dirigentes e parcialidade de alguns dos componentes do júri desfizeram a obra realizada no salão anterior, através de cortes injustos e de uma premiação em grande parte inconcebível. O Grande Prêmio, muito merecidamente, foi dado a Arcângelo Ianelli, mas a sua superioridade sobre os outros, qualquer júri era capaz de ver. Quanto aos outros é melhor que o resto seja silêncio...

ALGUNS DIAS EM SÃO PAULO

São Paulo possui uma nova galeria chamada "Selearte", localizada na famosa Rua Augusta. É uma casa velha, remodelada, com dois andares, divididos em diversos ambientes, inclusive um barzinho. A decoração podia ser melhorada, mas a galeria é simpática, e oferece pinturas, esculturas, gravuras, desenhos, jóias, cerâmicas, e até algumas antiguidades. Da minha última visita pude ver mosaicos de Freda Jardim, arrojados e bem realizados, numa tentativa freqüentemente bem sucedida de unir esta técnica tradicional aos conceitos da arte contemporânea. E vi jóias de Caio Mourão, Renée Sasson, Pedro Correia de Araújo, Elisa Corbertt, Lívio Levi, Ulla Johnsen e Calabrone. Neste grupo o melhor é Pedro Correia de Araújo. Deixando de lado influências folclóricas ou escandinavas — em geral tão aparentes nas jóias modernas brasileiras — ele está encontrando uma linguagem própria, apoiado por uma técnica boa, um óbvio e grande amor pela prata, e muita imaginação e senso de ritmo. Acredito que em Pedro Correia de Araújo o Brasil tenha encontrado um verdadeiro criador e inovador da jóia moderna.

Gostei também das cerâmicas de Bert Hollander, uma ceramista belga radicada no Brasil, que deixa entrever um certo mau-gosto em seus trabalhos figurativos, mas que se realiza bem em trabalhos abstratos de grande simplicidade e nobreza.

Na Galeria Miâni, também na Rua Augusta, entre antiguidades das mais diversas procedências e de grande beleza, uma exposição da pintora Ági Straus, que em seus trabalhos algo "welsianos" deixa entrever um mundo pessoal, curioso, bem articulado através de suas "gouaches" mag-nificamente realizados.

Na "Petite Galerie" da Avenida Paulista, de novo a seriedade e serenidade de Hércules Barsotti e Willys de Castro, ainda às voltas com os problemas — quicás insolúveis — da arte concreta e da terceira dimensão.

Na "Astrea", sucesso total de Raimundo de Oliveira, que vendeu todos os trabalhos expostos no dia da inauguração. O que se compreende, vendo o simbolismo religioso um tanto "naif", mas tremendamente sincero e alegre de suas telas. Na São Luís, uma excelente exposição do desenhista carioca Abelardo Zaluar, aproximadamente a mesma que ele realizou antes na "Petite Galerie" do Rio. Zaluar está figurando entre os grandes desenhistas do Brasil. Enfim, São Paulo como Rio, aparentemente não respeita mais as estações, o movimento artístico continua sem interrupção.

coisas, diretor do grêmio estudantil, coordenador de iniciativas literárias entre seus colegas adolescentes e pedindo, a mim, que apenas me iniciava no magistério, fôsse ao seu Grêmio, contar a vida, paixão, amor e morte do poeta Musset.

Bem se vê que era a poesia que já o atormentava, ou já o encantava, já vivia no menino, enfim. Com este seu novo livro, Nertan não fez um Lampião diferente, mas fez um livro diferente. Poeta sobretudo, poeta lírico, com extraordinário senso de valorização da poesia heróica, dos valores humanos e da crônica que soube captar e transmitir de forma deliciosa, poeta mesmo (perdoem a insistência), com essa estranha e difícil capacidade de entender pessoas, com essa largueza humana, generosa e permanente que tão depressa se lhe descobre na fisionomia em que se vê o quanto conserva da criança que foi, com imensa pureza, com coragem, com honestidade, com uma credencial que não se conquista por vontade própria e que muito lhe valeu no caso — a credencial de filho do Cariri. Guardando no peito as gestas que ouviu em menino sobre o Capitão, guardando lembranças de vivências no «décor» em que Lampião afirmou violentamente o seu protesto contra injustiças sociais, contra o destino mesmo, Nertan traz agora este livro que não deixa dúvida quanto ao seguro conhecimento que tem, do personagem e do meio em que atuou, e em que se confirma o mesmo trabalhador esbanjando energia e talento, o mesmo escritor verdadeiro, principalmente o mesmo poeta.

Francamente, não conheço outra obra em que se apresente um estudo tão exato de Lampião, como essa em que Nertan Macedo, o poeta Nertan, aborda o homem e o bandido em todos os planos, conta biografia, recorre ao folclore para interpretação do cangaceiro, feroz na agressão, cruel na vingança, violento na defesa, obediente a um código indecifrável, guardando lugar no peito para tanto amor e tanto ódio, capaz de gestos de extrema solidariedade e de inesperado misticismo, fiel ao seu padrinho Padre Cícero, punindo a traição com a pena máxima, amando sua Maria Bonita com terno amor profundo e, nas horas vagas, nas horas de melancolia, num cambar de sol num comêço de noite, tocando sanfona, cantando versos de Casemiro de Abreu. Ou em outras ocasiões, soltando o famoso toque de despertar: «Acorda, Maria Bonita, / Acorda pra fazer o café / O dia já vem raiando e a polícia já está de pé». Ou ainda, nas horas de reflexão, lendo a vida de Cristo, de Papini, que ele trazia sempre consigo. Impossível este poeta Nertan, este poeta lírico, «que vai às cabeceiras do tempo, vasculha Vila Bela» e agora, nesta tarde de Fortaleza, com a cumplicidade de outro homem do Cariri, deste nosso Luiz Maia da «Renascença», aliás São Luiz da Renascença, lança um livro excelente, puxa pela mão e traz para diante de nós o menino Virgulino, e nos faz conhecer sua vida agitada e perigosa e nos leva a acompanhar o almoceve, o homem, o cangaceiro, com «muié» rendeira e tudo. Quando se chega ao fim, quando se vê matar Lampião e não se quer acreditar, o autor adivinha-nos o pensamento, corre ao nosso encontro, explica que se o mataram é que dentro d'água oração forte não voga. E nos deixa finalmente com aquela presença medonha: o olho terrível do bandido morto fica olhando pra gente «do fundo da história do sertão».

É pois para festejá-los que estamos aqui, para saudar o novo livro e saudar Nertan, que acompanhamos com a ternura que merece o irmão mais moço, assim como quem festeja o caçula que se atacou no rumo do sul, quebrou amarras e lá soube honrar seu povo e seu chão, honrou o Cariri seu país, e venceu, soube vencer bem, bonito e cedo, soube vencer como poucos.

Palavra de Nertan

E' com um vivo sentimento de pudor que me aventuro a esta festa de lançamento do Capitão

Virgulino Ferreira, de escasso merecimento, mas que Barboza Mello, velho oficial das artes gráficas, transformou numa esplêndida edição. Fico por vezes pensando no destino dos meus livros e não chego sequer a justificar o meu espírito quando se põe a interrogar essas almas penadas do sertão, o padre Cícero, o capitão Virgulino, Antônio Conselheiro ou o comissário Feitosa dos Inhamuns. Faz tempo um tólo me recriminou no Rio por eu me interessar tanto pelos beatos e cangaceiros, sub-mundo, velharia, coisa do passado. O tólo ia comigo pela rua e com ele parei no coração da grande cidade para apontar-lhe um quadro inusitado: um histerólogo hirsuto, gestos e olhar de alucinado, apregoava o que ele considerava «a palavra de Deus!»

Não gosto do «gangster» como não simpatizo com os profetas das cidades. O santo e o bandido merecem necessariamente o deserto, a paisagem, o anfiteatro, a solidão. E' nisso que reside a sua grandeza. A terra dá ao homem a dimensão do seu drama, da sua tragédia. Eis porque o «rabo de burro» não entra na minha pobre literatura: não gosto do crime e da virtude sem grandeza!

Gosto de Antônio Conselheiro, padre Cícero, Lampião e Delmiro Gouveia porque eles são, cada um a seu modo, a alma do Nordeste. Todos, sem exceção, de sangue cearense. De resto o Ceará é o único Estado do Brasil totalmente sertão, dos fundos do Araripe à praia de Iracema. A várzea e a serra não têm a mesma significação da zona da mata ou do agreste pernambucanos. Valem tanto como os oásis africanos. O Ceará é o sertão que vem até à beira mar.

Esta festa, que Luiz Maia promove, não é minha. Pertence a Barboza Mello. Ele e Luiz se completam. São ambos marginais na sociedade competitiva de um capitalismo que se alimenta dos cofres públicos. São ambos pastores do magro rebanho de livros que não encontra pastagem neste país de escritores-funcionários, de poetas-professores, de atôres-médicos e músicos-bacharéis em direito. Editar e vender livros no Brasil, com raríssimas exceções, é coisa de doido. Loucura maior é manter uma revista literária permanente como faz Barboza Mello.

Graças a Deus nada disso intimida a quem lê, escreve, pensa e pesquisa no Brasil. A prova é o número de bons livros que vão sendo editados, de prosa, poesia e ensaio. Mesmo no Ceará o reduto intelectual é dos mais bravios e facinorosos. A seca não obrigou as musas a um êxodo forçado. A uma diáspora que exterminasse o Ceará. Podem marchar os postes da Paula Afonso no rumo de Fortaleza, abrindo ao povo os caminhos da industrialização, e nem por isso deixaremos de atender ao apêlo de Pantaleão Damasceno, dos «Diários Associados», no sentido de eleger o Príncipe dos Poetas, o doce sucessor do padre Antônio Tomaz.

E' o Ceará uma velha e gloriosa província literária. E a tradição será mantida. Aqui nasceram e daqui partiram Alencar, Araripe, Farias Brito, Capistrano, Oliveira Paiva e tantos outros...

Aí está porque eu não poderia refugar este lançamento. A festa terá em última análise um mérito incontestado: reunir amigos sem influenciar pessoas. E' um instante de congraçamento e homenagem a um lutador da cultura popular, Barboza Mello. As palavras de José Milton Dias, é evidente, já eu as esperava como um canto de suave sereia, não fôsse ele o amigo que é e o cronista perfeito da terra. E em vossas mãos amáveis deponho a cabeça de Virgulino Lampião!